



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS DE LARANJEIRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**AMANDA DE OLIVEIRA SANTOS**

**CORPOS DANÇANTES EM CADEIRAS DE RODAS: UM  
RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA DANÇA  
ARTÍSTICA EM CADEIRA DE RODAS COM MULHERES**

Aracaju

2024

**AMANDA DE OLIVEIRA SANTOS**

**CORPOS DANÇANTES EM CADEIRAS DE RODAS: UM  
RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA DANÇA  
ARTÍSTICA EM CADEIRA DE RODAS COM MULHERES**

Relato de Experiência apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como um dos pré-requisitos à conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal Sergipe para obtenção do grau de Licenciado em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Jussara da Silva Rosa Tavares.

Aracaju

2024

**AMANDA DE OLIVEIRA SANTOS**

**CORPOS DANÇANTES EM CADEIRAS DE RODAS: UM  
RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA DANÇA ARTÍSTICA EM  
CADEIRA DE RODAS COM MULHERES**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como um dos requisitos à conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal Sergipe para obtenção do grau de Licenciado em Dança.

**Aprovado em** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jussara da Silva Rosa Tavares (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup>. Me. Edna Maria dos Nascimento /UFS

---

Profa. Ms. Carolina Angélica Dantas Naturesa/SEED-SE

Aracaju

2024

*Dedico este trabalho em memória de minha filha Jasmine Sophia Ribeiro de Oliveira Santos que perdi no início do processo de graduação, mas que foi fonte da minha inspiração desse trabalho, ao meu filho Benjamim Ethan Ribeiro de Oliveira que me deu força para que eu pudesse continuar nessa trajetória, aos meus pais Maria do Carmo Souza de Oliveira e Roberto Moura Santos, e a minha Orientadora: Dra. Jussara da Silva Rosa Tavares.*

## **Agradecimentos**

Agradeço à Nossa Senhora de Aparecida e a Nosso Senhor Jesus Cristo pela proteção e coragem que me foram concedidas e por toda a orientação que me levou até este ponto.

Em especial, quero expressar minha gratidão à minha orientadora, Profa. Dra. Jussara da Silva Rosa Tavares, por ter aceitado este desafio, por toda sua paciência e por ter concordado em me orientar mesmo quando eu própria duvidava de minha capacidade acadêmica.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Bianca Bazzo, que foi uma inspiração para mim, mesmo sem saber, como pessoa, professora e grande pesquisadora. Ela me apresentou ao maravilhoso mundo da rica cultura popular sergipana, que eu não conhecia, e pela qual desenvolvi grande admiração através de suas aulas. Além disso, foi uma das pessoas que me levou a experiências inesquecíveis, pelas quais serei eternamente grata.

Aos meus pais e familiares, que me apoiaram e ajudaram desde o início, fazendo o possível para tornar meu sonho realidade, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo dos anos de graduação.

Aos meus irmãos Maria Victória de Oliveira Santos, Fabricio de Oliveira Santos e Márcio Matias Souza de Oliveira, e às minhas tias Isabel Souza de Oliveira, Joseane Souza de Oliveira, Ana Cristina Souza de Oliveira, aos meus tios José Souza de Oliveira Santos, Antônio Souza de Oliveira Santos, João Souza de Oliveira, André Avelino Souza de Oliveira e José Messias Souza de Oliveira.

Em memória de meu avô Gonçalo Dantas de Oliveira, meu agradecimento especial em vida à minha guerreira e linda avó, Josefa Souza Vasconcelos.

A cada colega de dança que conheci e com quem convivi ao longo destes mais de quatro longos anos de graduação. A nossa turma de 2019.1 deixará sua marca no Departamento de Dança da UFS.

À todas as pessoas que contribuem para com Departamento de Dança e com a UFS, que conheci nesta jornada tão importante em minha vida.

Agradeço à Valdemir Reis Santos (Mika), à Edileuza Menezes Vieira, à Fátima Maria Fontes de Almeida, Aline Souza Santos Lima e ao chefe do departamento, Daniel Moura, por tornarem o Departamento de Dança um ambiente acolhedor, que se tornou

uma família para mim ao longo dessa jornada anos.

Não posso deixar de agradecer também à Prof.<sup>a</sup> Dra. Lavínia Teixeira de Aguiar Machado, Chefe da Divisão de Ações Inclusivas (DAIN/CODAE), que também foi minha professora e me ensinou muito sobre a acessibilidade de pessoas com deficiência na Dança. Ela é uma referência quando se trata de inclusão de pessoas com deficiência, com doenças raras e neuro divergentes, tanto dentro quanto fora do estado de Sergipe.

Também devo agradecer à Pró-Reitora de Extensão e Cultura (PROEX), Profa. Dra. Sueli Maria da Silva Pereira, por seu ensinamento e pela honra de conhecê-la e trabalhar voluntariamente em alguns eventos na UFS. Agradeço especialmente pela confiança que ela depositou em mim ao me dar autonomia para organizar um evento de boas-vindas aos discentes no RESUN. Jamais esquecerei disso, muito obrigada por tudo.

Agradeço às participantes maravilhosas da minha pesquisa: Luciene Ferreira dos Santos, Isabel de Jesus, Cristina Santos da Silva, Lucivânia dos Santos, bem como aos alunos do Programa Arte na Escola do município de Nossa Senhora de Socorro, onde fui estagiária, indicada por Leandro Matos, a quem sou eternamente grata. Através dessa participação no programa, minhas coreografias foram dançadas por eles no último espetáculo realizado no Teatro Tobias Barreto no início do ano de 2024. Agradeço imensamente pela confiança.

Agradeço especialmente a cada um dos meus alunos do Programa Arte na Escola: Isabel de Jesus, Luciene Ferreira dos Santos, Carla Bruna Almeida Santos, Laís Vitória da Cruz Santana e José Renato Machado Freitas. Fizeram parte da turma em que ministrei aulas de Dança em Cadeira de Rodas. Guardarei sempre comigo e me lembrarei de tudo o que pude ensinar e aprender com vocês. Foi uma troca enriquecedora, além disso, fiz amizades pelas quais tenho grande respeito e carinho. Não posso deixar de mencionar o nome de Camilinha, que conheci em uma das minhas aulas na sede do Programa Arte na Escola. Ela veio visitar e acabou ficando para fazer minha aula. Desde então, não nos separamos, e sempre que puder, irei prestigiá-la e mencioná-la em minhas referências na luta pela acessibilidade no estado. Como pessoa com nanismo e uma grande atleta, ela tem minha admiração.

Agradeço à Cia Loucurarte, onde passei dois anos e meio de pesquisa e aprendizado como intérprete e coreógrafa. Ao entrar na companhia, tive a experiência de participar de uma oficina com Ronny Lima sobre condução, aprendendo como dançar

com um parceiro em cadeira de rodas. Tive a honra de ser intérprete de trabalhos da grande professora e coreógrafa Marilene Melo, que formou grandes profissionais da dança que trabalham com dança em cadeira de rodas, por tudo isso sou grata a vocês.

Na Cia Loucurarte, tive também a honra de coreografar a companhia, com trabalhos em grupo e duos com os dançarinos em cadeira de rodas João e Carlos que participaram de mostras, apresentações e festivais de dança. Obrigada queridos, aprendi muito com vocês!

Como ativista, não foi diferente durante o tempo que passei no curso de Dança, portanto, gostaria de agradecer por ter sido Presidente do Centro Acadêmico de Dança-CAED por dois mandatos consecutivos, de 2019 a 2023. Também agradeço a todas as pessoas que fazem parte do movimento AFRONTE, no qual participei em busca de melhorias e realizações universitárias.

Quero agradecer aos meus amigos e conhecidos que fazem acontecer a cena da dança. Tem um pedacinho de cada um como inspiração nesse trabalho, a todos os artistas independentes que fazem a cena da dança no estado, principalmente a dança de rua. A todas as B-Girls e B-Boys que fazem parte da cena dentro e fora do estado e são resistência.

Aos Mestres e Mestras da Cultura popular deste meu estado rico, tenho orgulho de falar independente para onde eu vá. Em especial ao Cacumbi do Mestre Deca, à Chegança e Lambe-sujos e Caboclinhos do Mestre Zé Rolinha, ao São Gonçalo, às Taieiras e à Mestre Nadir, e ao Samba de Pareia e seu Reisado. Não poderia deixar de mencionar vocês no meu trabalho, pois fizeram parte de grande parte do meu processo universitário na dança. Aprendi a valorizar ainda mais minha cultura e me orgulho muito dela. Muito obrigada por existirem e por serem resistência. A nossa cultura não pode morrer, nossa cultura em primeiro lugar!

Aos meus amigos Rafael Leite e Christian de Andrade, artistas surdos da dança maravilhosos que a UFS me deu, da UFS para a vida, que também pude dançar e juntos através do convite que fiz a eles para participar do Musical do ConSer. Agradeço também ao ConSer (Conselho da Pessoa com Deficiência e Altas Habilidades em Sergipe), ao Luiz Antônio como presidente, e à minha amiga Suellen Grazielle Silva Garcia, que é PcD. Sabendo da minha trajetória e experiência com a dança em Cadeira de Rodas, ela me convidou para onde eu pudesse coreografar e participar junto a eles e outras pessoas

com deficiência de outras entidades que participaram também da primeira edição do musical.

Não poderia deixar de agradecer e mencionar aqui a Monyce Silva, grande amiga e artista que a UFS me deu, que sempre me ajudou com o que precisei e me ajudou também como atração do evento que fiz na UFS, como também fotógrafa na aula que fez parte da minha pesquisa desse TCC.

A todos os meus professores que contribuíram para a minha formação acadêmica: Bianca Bazzo Rodrigues, Ewerton Nunes, Jonas Karlos de Sousa Feitosa, Fernando Davidovitsch Lino Daniel Evangelista Moura, Marcelo Moacyr Ramos, Paulo Lacerda, Thábata Marques Liparote, Edna Maria Nascimento e Clécia Maria Queiroz, Carolina Naturesa, Carol Frinhani.

# **CORPOS DANÇANTES EM CADEIRAS DE RODAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA DANÇA ARTÍSTICA EM CADEIRA DE RODAS**

Amanda de Oliveira Santos

## **RESUMO**

A dança se apresenta como possibilidade diversas de ler, interpretar e recriar o mundo, ela é potência comunicativa, criativa e de expressão, seja de aspectos pessoais do corpo que dança, seja de aspectos coletivos e sociais. Desse modo, qualquer corpo pode dançar. No entanto, as pessoas com deficiência estiveram durante muito tempo estigmatizadas como amaldiçoadas, ineficientes, logo, a margem dos mais diversos espaços sociais. A dança artística em cadeira de rodas é relativamente nova e surge inicialmente com fins terapêuticos e posteriormente, com caráter esportivo. Dentro das modalidades de dança em cadeira de rodas encontramos a esportiva e a artística. O presente artigo consiste em um relato de experiência voltado para a prática da dança artística com mulheres em cadeiras de rodas com enfoque na prática e na criação em dança, com o intuito de vivenciar a dança em Cadeiras de Rodas desde a investigação do corpo com deficiência física que dança e o processo de criação em dança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres em cadeira de rodas. Acessibilidade. Dança e criação.

## **APRESENTAÇÃO**

Sou uma mulher negra não retinta, mãe atípica, sergipana, periférica, artista, pessoa com deficiência pela lei municipal e estadual da fibromialgia, tenho TDAH, discopatia degenerativa na lombar em dois locais da coluna. Também ativista pelos direitos das Pessoas com Deficiências (PcDs) e doenças raras do estado de Sergipe. O foco da minha pesquisa é sobre a Dança Artística em Cadeira de Rodas com Mulheres. O presente relato é resultado das inquietações que me acompanham desde que me tornei mãe de Jasmine Sophia, uma criança com deficiência tendo a Hidranencefalia + Hidrocefalia e Epilepsia de difícil controle. Sua breve vida de um ano e dois meses foi minha fonte de inspiração. Jasmine partiu em outubro de 2019, quando eu já estava iniciando minha jornada universitária no curso de licenciatura em dança pela

Universidade Federal de Sergipe.

Após sua partida, surgiu a vontade de criar um projeto social em sua homenagem: o Projeto Luz de Jasmine. Inicialmente, o projeto visava destinar as doações que Jasmine recebeu, como medicamentos e alimentos específicas para crianças com deficiência e doenças raras que necessitassem. Além disso, busquei oferecer orientações para outras mães atípicas que estivessem passando pelo mesmo processo que eu enfrentei desde a gestação até o nascimento de Jasmine.

Com o Projeto Luz de Jasmine, comecei a acolher e motivar mães a lutar pelos direitos de seus filhos com deficiência e doenças raras. Porém, minha vontade de ajudar não se limitava a isso. Ao acolher essas mães, pais e familiares, surgiu em mim o desejo de continuar meus projetos com Pessoas com Deficiência, dessa vez através da Dança.

Em 2013, tive meu primeiro contato com crianças com deficiências e doenças raras quando me tornei voluntária no Grupo de Apoio a Crianças com Câncer-GACC. Lá, participei do Projeto É Pique, contribuindo para a realização das festas de aniversário dos assistidos do GACC. Foi nesse contexto que tive minha primeira experiência com dança e com crianças com deficiência, doenças raras e câncer.

Em 2020, retomei minha busca sobre dança terapia, dança inclusiva e dança em Cadeira de Rodas. Encontrei a Cia Loucurarte, que oferecia oficinas de dança pela Lei Aldir Blanc. Mesmo sendo distante de onde moro, senti muito interesse em participar. Conheci a sede da Cia, participei das oficinas e me interessei ainda mais em aprender a dançar em dupla com pessoas em cadeira de rodas, que eram os intérpretes da companhia.

O potente trabalho realizado pela Cia Loucurarte, sobretudo de inclusão da pessoa com deficiência em cadeiras de roda na dança artística ou esportiva, era algo que me encantava, mas ainda assim percebia que o número de pessoas em cadeiras de rodas participando da cena de dança sergipana era pouco.

Através do meu contato com a Cia Loucurarte, pude fazer parte como estudante de licenciatura de dança, atuando como dançarina e coreógrafa, foi então quando surgiu em mim o interesse em pesquisar sobre a dança com mulheres com deficiência em cadeiras de rodas, por ter conhecido na cia algumas mulheres que dançavam como também por minha filha ser uma menina, tive esse contato maior com as mulheres portanto fiz uma proposição de dança em cadeira de rodas para mulheres, colocando em prática tudo que aprendi na Companhia de Dança Loucurarte e em outras fontes.

Sentindo a falta de capacitação de professores sobre corpos com deficiência na dança por ter o espaço acadêmico da Universidade Federal de Sergipe onde tive a oportunidade de cursar alguns componentes obrigatórios como também optativos onde ser falava de modo geral de corpos com deficiência ou neuro divergentes na dança, questionei sobre a possibilidade de qualquer corpo com deficiência poder dançar, e se a dança se adapta às pessoas ou se elas precisam se adaptar à dança. Também me questionava se a falta de capacitação de professores para trabalhar com essa comunidade e com a diversidade de corpos com ou sem deficiência pode ser um dos motivos para a falta de procura ou interesse das pessoas com ou sem deficiência, pela dança.

A questão Principal que mais me instigava era saber se a dança em cadeira de rodas contribui para a criação em dança por meio de um corpo artístico com deficiência física em Cadeira de Rodas, ou se era vista apenas como lazer, terapia, atividade física.

Teoricamente me ancorei em Eliane Ferreira (2003), que diz que a dança em cadeira de rodas para pessoas com deficiência é resultado da luta pela existência e resistência das pessoas com deficiência, e que a mudança dos estereótipos relacionados aos corpos que podem dançar é fundamental.

## **A HISTÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL**

A história das pessoas com deficiência no mundo e no Brasil envolve um longo caminho de luta por igualdade, inclusão e reconhecimento de direitos. Por muito tempo, pessoas com deficiência foram marginalizadas e negligenciadas, sofrendo estigmas e preconceitos sociais, o que não quer dizer que não enfrentam mais esses problemas. No entanto, as políticas públicas de seguridade para estas pessoas têm exercido um papel importante.

No âmbito internacional, um dos marcos mais importantes nessa história é a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 2006 e ratificada por diversos países. Essa Convenção busca garantir a igualdade de oportunidades, a autonomia e a participação plena e efetiva das pessoas com deficiência em todas as esferas da sociedade (Brasil, 2016).

No Brasil, têm-se algumas leis relevantes que tratam dos direitos das pessoas com deficiência, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Essa lei, inspirada na

Convenção da ONU, assegura direitos nas áreas da educação, trabalho, saúde, acessibilidade, entre outros. Além disso, o país conta com o Decreto nº 3.298/1999, que regulamenta a Lei nº 7.853/1989 e estabelece critérios para a caracterização da deficiência e assegura os direitos das pessoas com deficiência (Brasil, 2016).

No entanto, apesar do avanço das leis e políticas públicas, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados para garantir a plena inclusão e o exercício dos direitos das pessoas com deficiência. A acessibilidade física e digital, o combate a preconceitos e discriminação, a oferta de serviços de qualidade, combate as atitudes capacitistas, entre outros aspectos, são áreas que ainda demandam melhorias tanto no Brasil quanto no mundo.

A história da deficiência é marcada por uma sequência de horror, de atrocidades. Na Europa Medieval, a criança que nascia com alguma deficiência, era associada ao pecado da mãe, a um castigo dos deuses ou do Deus único, onipotente, manifestação da força do mal, possuía por demônios ou bruxas, com isso muitas viviam escondidas no interior de suas casas, ou eram sacrificadas. Constantemente eram queimadas vivas, como forma de punição à família que foi amaldiçoada (Schwarz, 2021).

As pessoas que não apresentavam problema cognitivo, apenas alguma condição física, como era o caso das pessoas com nanismo, corcundas, eram colocadas para divertir a corte, ocupando um lugar comumente chamado de bobos da corte, ou trabalhando em circos. Ou seja, uma condição de existencialidade da pessoa. Era motivo de chacota, divertimento daqueles se entendiam como normais (Schwarz, 2021).

Era comum a prática de extermínio de crianças que nasciam com deficiência na Alemanha após o final da Primeira Guerra Mundial, como forma de limpar a espécie humana, tendo uma raça pura (Schwarz, 2021).

Este foi um problema que se estendeu por muitos séculos e em diversos continentes, o que não foi diferente com o Brasil. Até pouco tempo essas pessoas estavam confinadas ao interior de suas casas, ou internadas em manicômios, hospitais psiquiátricos.

De acordo com Maria Fernanda Garcia do observatório do 3setor, o Hospital Colônia, o maior hospital psiquiátrico do Brasil situado em Barbacena em Minas Gerais, foi comparado ao campo de concentração nazista pelo psiquiatra italiano, Franco Basaglia quando o visitou, em 1979.

As pessoas que eram enviadas para o hospital, a maioria à força, nem precisavam ser diagnosticadas com algum transtorno mental. Mais de

70% dos pacientes não sofriam com nenhuma doença do tipo. Eram crianças rejeitadas pelos pais por mau comportamento ou algum tipo de deficiência; filhos tidos fora do casamento; mulheres estupradas pelo patrão ou algum homem importante na época, com dinheiro suficiente para esconder o crime; epiléticos; alcoólatras; homossexuais. Tudo era motivo para enviar pessoas ao hospital (Garcia, 2020, s/p).

A jornalista Daniela Arbex lançou um livro em 2013 contando essa história, chamado ‘Holocausto brasileiro – Vida, Genocídio e 60 mil mortes no maior Hospício do Brasil’. Neste livro, que deu origem ao documentário de mesmo nome lançado pela HBO em 2016 com roteiro e direção da própria autora, traz relatos de sobreviventes sobre as cenas de horror vividas neste hospital, em que muitos morriam por comerem ratos, beberem águas de esgoto, tomarem diariamente choque elétricos, chegando à cidade Barbacena ficar várias vezes sem energia elétrica por não suportar a quantidade de descargas elétricas (Arbex, 2013).

É importante destacar que pessoas autistas não são deficientes, elas são pessoas neuroatípicas, neurodiversas ou seja, a sua condição neurodivergente é uma condição funcional, é o seu modo existencial. Mas para que estas pessoas possam ser asseguradas pelos direitos sociais, elas aparecem no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Este material é um manual internacionalmente utilizado para gerar diagnósticos psiquiátricos, que se baseia no diagnóstico de todos os transtornos mentais.

Além do DSM, há também a Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF). A CIF por ser uma das classificações da família das classificações internacionais de doenças, ela apresenta uma abordagem complementar, apesar de apresentar um modelo abrangente, universal e global quanto a funcionalidade de uma pessoa, pois sua condição de saúde se dá por meio da participação nas atividades em que as funções e estruturas corporais são influenciadas por fatores ambientais e pessoais.

No entanto, a questão da deficiência e dos transtornos mentais, é muito complexa, pois não pode ser observada somente do ponto de vista da saúde e da limitação, se faz necessário refletir sobre as dimensões que constituem a existência humana. Diagnosticar apenas e não oferecer o suporte necessário a essas pessoas e conscientizar a sociedade para a inclusão das PCDs, as legislações não transcendem de seu papel da legalidade para o da legitimidade.

## DANÇA EM CADEIRAS DE RODAS

Para que possamos entender sobre a dança em cadeiras de rodas, que é o que este trabalho se propõe, apresentaremos um breve panorama da história dessa modalidade, que, de acordo com Barreto e Ferreira (2011), é relativamente recente. A dança internacional em cadeira de rodas surgiu em meados dos anos 60 na Europa através da escola *Spastics Society School* em Londres, não sendo reconhecida ainda como dança, e sim como uma atividade que realizava movimentos rítmicos na reabilitação de forma recreativa com Pessoas com Deficiência em Cadeiras de Rodas. Durante muitos anos a dança ainda ficou sendo vista apenas como movimentações ritmadas, sem preocupação ou interesse artístico e com fins terapêuticos.

A sociedade começou a ter um olhar mais sensível para aquela realidade que se iniciava com dança em cadeiras de rodas e ter mais contato com pessoas com deficiência a sociedade somente a partir das guerras do século XX, onde várias pessoas passaram a ter algum tipo de deficiência por perda de membros em trabalhos. É nessa época que foram desenvolvidas leis e políticas sociais voltadas para as pessoas com deficiência para que pudessem atender à necessidade daquela população, com o intuito de facilitar o processo de integração dessas pessoas.

A Dança em Cadeiras de Rodas (DCR) para Pessoas com deficiência teve início no Brasil, a partir do ano de 1990, sendo desenvolvida por grupos independentes vinculados às universidades, associações de Pessoas com Deficiência, Prefeituras Municipais de Reabilitações e algumas escolas de Dança (Ferreira, 2002).

Em 2001 foi criada a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDCR) tendo como principal objetivo propagar e incentivar a modalidade de dança no Brasil com a Dança Esportiva e Dança Artística. Iniciou suas atividades no dia 06 de novembro de 2001, com a realização do I Simpósio Internacional, onde foi ministrado um curso da modalidade de dança esportiva na Universidade de Campinas (Unicamp) pelo prof. Herbert Hausch – Técnico de Dança Alemã, que realizou sob responsabilidade da professora Eliana Lúcia Ferreira.

A dança esportiva em cadeira de rodas no mundo está sob o comando do WDSC (Wheelchair Dance Sport Comitê) e do IPC (Comitê Paraolímpico Internacional). Atualmente mais de 40 países estão registrados no IPC-WDSC, dentre eles o Brasil que

com a criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas passou a realizar campeonatos esportivos de dança em Cadeira de rodas.

De acordo com a CBDCCR, a DCR é dividida em duas modalidades: A esportiva e a artística. A esportiva é executada por duplas, podendo um ser cadeirante e outro não; ou por duas pessoas com deficiência, geralmente através da dança de salão com ritmos latinos como: samba, chá-chá-chá, rumba, passo doble e jive. E danças Standards que incluem a valsa lenta, o tango, a valsa vienense, o slow fox e quick step. A outra perspectiva da DCR é a artística em que não tem regras tão definidas e a escolha do estilo, ritmo e movimentos que vão executar no decorrer da dança é mais livre (Krombholz, 2001).

No contexto da dança competitiva em cadeiras de rodas, são realizados diversos campeonatos ao redor do mundo. Essas competições seguem regras e categorias específicas, visando avaliar a técnica, a criatividade e a habilidade dos dançarinos. Os movimentos executados são adaptados para os ajudar a expressar todo o seu potencial artístico, utilizando elementos semelhantes aos da dança praticada por pessoas sem deficiência, como contagem de tempo, ritmo e coreografias complexas. Por ser e ter até hoje as referências de dança através dos andantes. Mas pensando na dança artística com avanço das Pesquisas de movimento com corpos com deficiência em cadeira de rodas essas formas de pensar a dança através de um corpo sem deficiência pode ser repensadas e modificadas, com essa investigação em dança tira a referência do corpo sem deficiência da linha principal da referência em dança, possibilitando pensar nas diversas possibilidades que os corpos com deficiência física em cadeira de roda na cena artística poder propor colocando as pessoas com deficiência na cena como corpos dançantes em cadeira de rodas pelas próprias referências artísticas corporais e não através de uma referência em dança de um corpo sem deficiência .

A Dança artística em cadeira de rodas foca na liberdade de expressão e na criação de performances que transcendem as limitações físicas. Os dançarinos podem explorar diferentes estilos e narrativas, usando a cadeira de rodas como um instrumento de expressão e como uma extensão do seu corpo. Essa forma de dança busca desafiar estereótipos e promover a inclusão e a diversidade no mundo da dança.

Segundo Ferreira (2010) a DCR para pessoas com deficiência, tem várias teorias que abrangem e embasam uma construção de movimentos corporais, pensando o corpo como diferença, e com essa compreensão, são múltiplas as possibilidades para trabalhar

o corpo dançante para além de suas limitações, inclusivo com estilos de dança variados. Para Rigo, Castro e Kunz (2019), na DCR, os sujeitos dançantes estão além de suas deficiências físicas e exploram um mundo de possibilidades que, em nossa perspectiva, se traduzem em experiências sensíveis no dançar e sentir a dança.

Uma das referências mais importantes nessa área é a autora Eliane Ferreira, que é considerada pioneira e líder da dança em cadeira de rodas no Brasil. Com uma vasta experiência como bailarina profissional e formadora de professores e artistas da dança para o desenvolvimento da dança em cadeira de rodas. Trabalhou arduamente para que as pessoas com deficiência tivessem acesso à dança como forma de arte e de competição.

É importante salientar Eliane Ferreira, em seus trabalhos como autora e coreógrafa, tem sido fundamental no desenvolvimento dessas duas vertentes da dança em cadeira de rodas. Seu comprometimento em promover a inclusão e a visibilidade das pessoas com deficiência fez com que essas formas de dança ganhassem reconhecimento internacional.

Essas formas de dança têm impacto significativo na vida das pessoas com deficiência, fornecendo um meio de expressão, empoderamento e inclusão social. Por meio das apresentações em cadeiras de rodas, esses dançarinos demonstram força, graça e paixão pela dança, inspirando outros artistas a acreditarem em seu potencial artístico.

No Brasil foram realizados 22 campeonatos pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (CBDR), dentre eles eu pude estar presente participando da edição 2023 em São Paulo, no Centro Paraolímpico, e isso foi possível pelo fato de fazer parte da Companhia de Dança Loucurarte da cidade de Aracaju. A Cia foi criada em 2011, nasceu de um dos projetos do Ponto de Cultura Albertina Brasil por iniciativa da Associação Luz do Sol, e desde então, tem participado de vários eventos municipais, estaduais e nacionais, recebendo destaques e prêmios.

Foto 01: Eu Amanda e o intérprete João no Campeonato Brasileiro de Dança em Cadeira de Rodas no ano de 2023.



**Fonte:** arquivo pessoal da pesquisadora.

Fazer parte dessa companhia como intérprete, dançarina, coreógrafa e pesquisadora trouxe-me várias experiências, e aguçou o meu desejo de conhecer mais sobre a DCR na perspectiva artística. Entender como as aulas para PcDs são pensadas e desenvolvidas, conhecer, compreender e dominar a modalidade desta dança, e entender mais sobre as possibilidades de um processo criativo em dança com PcDs em cadeira de rodas. Foram estas motivações que me levaram a ampliar os meus conhecimentos nesta área. Buscando pesquisas por meio de redes sociais de grupos que trabalham com a DCR, pude me aproximar de mais grupos que fazem trabalhos semelhantes ao que tenho contato direto que é a Cia Loucurarte. E por meio da minha participação na Cia Loucurarte tive a oportunidade de conhecer pessoalmente pessoas importantes da cena da DCR do nosso estado, como também do nosso país.

Foto 02: Eu Amanda e a Presidenta Luciene Fernandes da CBDCR.



**Fonte:** Acervo Pessoal.

Foto 03: David Pontes & Karina Sousa / Campeão Mundial 2023/ Atletas da Cia Nosso Jeito do Pará.



**Fonte:** Acervo pessoal.

## **PROPOSTA PEDAGÓGICA DA AULA DE DANÇA PARA MULHERES EM CADEIRA DE RODAS**

No dia 09 de setembro de 2023 na sala do Centro de Cultura e Arte (CULTART) que é uma extensão da Universidade Federal de Sergipe - UFS, espaço que o DDA- Departamento de Dança está locado. foi realizada a aula de Dança em Cadeira de Rodas para 4 mulheres PcDs, tendo iniciou às 09h e finalizando às 12h com base em minhas experiências com DCR. A presento aqui a proposição que fiz para essas 4 mulheres que eu já as conhecia enquanto corpos dançantes.

A aula foi realizada apenas para mulheres usuárias de cadeira de rodas, com o intuito de propor uma aula voltada para a investigação do corpo dessas mulheres na dança, buscando perceber como cada corpo se relacionava com a modalidade de DCR, e como a partir da técnica essas mulheres potencializava os seus processos de criação

Antes de iniciar o relato da proposição da aula, é importante dizer que ela foi possível ter ocorrido pelo fato de que eu já tinha contato com as quatro mulheres que se disponibilizaram a participar da aula. Essas mulheres são todas usuárias de cadeiras de rodas, porém com razões diversas: deficiência física, poliomielite, sequelas do raquitismo e paraplegia/lesão medular.

Todas as quatro mulheres já tinham contato com a dança. Duas delas tinham uma experiência entre 5 e 9 anos com a dança todas elas sendo mulheres com deficiência física, uma delas teve apenas dois meses de contato com a dança, e uma não informou o tempo de experiência. Associado ao contato com a dança, duas delas tinham experiência também com o esporte em cadeira de rodas. Uma delas pratica badminton a 7 anos e a outra pratica basquete a 5 anos. A pessoa que não informou o tempo de experiência em dança, não tinha experiência com a prática esportiva para PcD, e foi exatamente essa pessoa que apresentou mais dificuldade com o manuseio da cadeira e com a compreensão e execução das atividades propostas na aula. Isso nos leva a entender que o pouco contato com atividades físicas mais complexas com o uso da cadeira de rodas, foi um fator que dificultou na execução das atividades, porém não foi um fator que limitou ou que excluiu essa mulher com deficiência usuária de cadeira de rodas manual, pois a todo instante elas eram incentivadas a experimentarem formas e propostas de acordo com a compreensão e possibilidades corporais delas em cadeiras de rodas.

A aula foi dividida em duas partes, sendo uma parte teórica e outra prática. Iniciamos pela parte teórica falando sobre meu processo com a Dança em Cadeira de Rodas, sobre o contexto histórico da modalidade e sobre o que eu iria propor para elas naquele dia, buscando saber o entendimento que elas tinham sobre a dança, e se conheciam a contagem de 8 tempos na música para a execução dos movimentos.

Todas elas são do estado de Sergipe, o que facilitou ainda mais a interação entre elas. Para mim também foi mais fácil propor a aula para essas quatro mulheres, pelo fato de já conhecer todas elas, porém somente duas delas já haviam tido contato comigo por meio da dança, pois foram minhas alunas do Programa Arte na Escola. Outro ponto que favoreceu o desenvolvimento da aula, foi o fato da maioria delas já terem contato com a dança em cadeira de rodas como também algumas delas pela Cia Loucurarte.

Foto 04: Mulheres que participaram da aula artística em cadeira de rodas.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora. Da esquerda para a direita: Gil, Luciene, Cristina e a última do lado direito é a Izabel

Foto 05: Esclarecimento sobre com a aula seria desenvolvida.



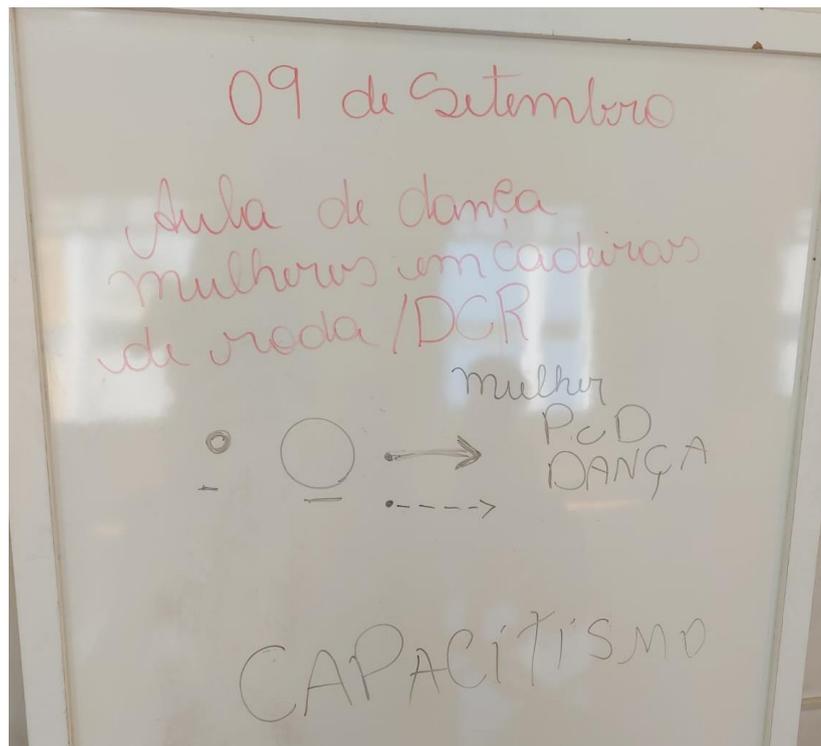
**Fonte:** arquivo pessoal da autora.

Neste primeiro momento da aula apresentei a elas o contexto histórico da dança em cadeira de rodas, como também discutir sobre capacitismo<sup>1</sup>, buscando o entendimento delas em torno dessa da palavra, com o intuito de identificar se elas em algum momento já haviam passado por algum ato capacitista por serem mulheres com deficiência física. Todas ficaram à vontade para falar e relatar sobre esse assunto, já que este é um fato que acontece ou já aconteceu na realidade diária da PcD e com essas mulheres não foi diferente, principalmente no espaço da escola e do mercado de trabalho, no entanto em todos os lugares encontramos pessoas, falas e atos criminosos e preconceituosos, o que se faz necessário conscientizar as pessoas que passam por essa, por isso é importante estarmos atentas e atentos, e mesmo sem sermos PcD, podemos e devemos ser aliados da causa, sempre levantando a bandeira do Anticapitismo, para que as pessoas entendam que todas as pessoas com e sem deficiência são capazes, cada pessoa tem sua limitação, mas isso não as impedem dela ser ou ir aonde elas quiserem.

---

<sup>1</sup> Capacitismo é um termo recente no Brasil, começou a ser difundido há cerca de 10 anos. Mas apenas a palavra é nova, porque o que ela significa tem séculos de existência. Capacitismo é o preconceito contra as pessoas com deficiência, em que se julga que elas não são capazes ou são inferiores. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/o-que-e-capacitismo-e-como-podemos-combate-lo>.

Foto 06: Esclarecimento sobre capacitismo



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Foto 07: Depoimentos das mulheres sobre o capacitismo.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Após o relato delas antes que iniciássemos a aula prática, eu mostrei no quadro figuras ilustrativas da técnica de deslocamento que estou desenvolvendo, na qual eu

utilizo em minhas aulas como uma ferramenta facilitadora para o entendimento dos tipos de deslocamentos e direções que utilizo em aula.

Como metodologia, utilizei o desenho de linhas para o ensino e experimentação dos deslocamentos, e à medida que elas iam experimentando, dominando e explorando essas técnicas, eu ia propondo novas formas com o propósito de instigar outras possibilidades de se mover e se expressar. Na aula proposta, utilizei apenas o círculo das formas geométricas pelo fato de termos o círculo muito presente na DCR durante a execução dos giros, seja do giro no próprio eixo, seja dos giros com deslocamentos.

**Imagem 01:** Técnicas de deslocamentos



**Fonte:** arquivo pessoal da autora.

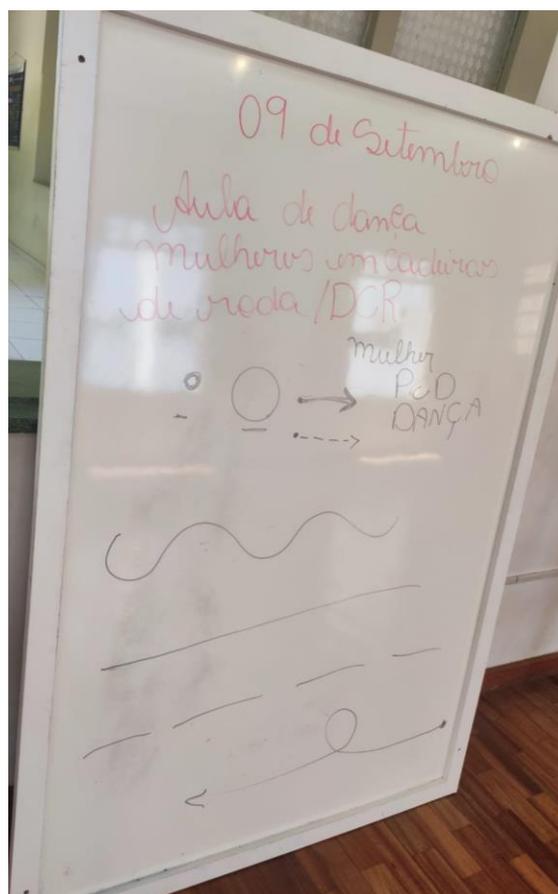
O giro no eixo, é a execução do giro no mesmo lugar. Para executar um giro no eixo iniciando para a direita é necessário segurar / travar a roda da cadeira do lado contrário ao qual faz o sentido da direção para onde quer que ela gire, nesse caso trava a roda esquerda segurando com a mão esquerda e com a mão direita manuseia a roda direita iniciando do centro da roda e puxando-a para a direita e para trás, para a cadeira de rodas possa girar para o lado direito e no eixo, ao mesmo tempo que a pessoa movimenta o braço direito, o esquerdo está travando a roda para que o giro aconteça no eixo, ou melhor dizendo no lugar.

Já o Giro com deslocamento não é necessário travar a cadeira, apenas manuseando com a mão de acordo com lado que se quer iniciar o giro, ela vai girar com

a proporção maior formando um círculo maior no chão, e Caso queira fazer um círculo partindo de um deslocamento para frente a pessoa desloca a cadeira com as duas mãos para frente, de forma direta, e após uma contagem de 4 tempos se inicia o giro para um dos lados, da mesma forma que o giro no eixo acontece, a diferença é que não precisa travar uma das rodas.

No entanto, antes de iniciarmos os deslocamentos e giros, foi feito um alongamento dos membros superiores para prepará-los para as atividades que seriam propostas. Trabalhei na aula durante o aquecimento com uma imagem ilustrativa para que elas executassem da maneira que conseguissem os tipos de deslocamentos, iniciando de um ponto e indo para outro, essa foi a primeira forma de deslocamento proposta conforme mostra o desenho no quadro branco a seguir. O desenho ilustrativo para execução do deslocamento se parecia com uma minhoca com quatro deslocamentos para os lados, sendo dois para cada lado, a partir dessa orientação elas tinham que tentar executar da maneira que conseguissem, mas tentando lembrar e assimilar ao máximo a proposta do desenho ilustrativo. Durante a execução da atividade, pude perceber aquelas que tinham mais facilidade no manuseio da cadeira e na compreensão do exercício, bem como as dificuldades apresentada por algumas delas quanto ao entendimento da atividade e domínio do manuseio da cadeira manual. A facilidade na execução das atividades se dava pelo fato da longa experiências das mulheres PcDs em cadeira de rodas tanto em atividades com dança quanto em atividades esportivas.

**Foto 07:** Orientação para os tipos de deslocamentos.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora.

No desenho ilustrativo também tinha uma linha reta dividida em quatro partes, e o exercício era executar um deslocamento pausado, desloca e pausa, desloca e pausa por 4 vezes até o final do circuito que foi montado com cones para que elas executassem esses exercícios indo e retornando. Quando uma começava a retornar, a outra saía fazendo o deslocamento pausado.

Após a experimentação com os deslocamentos ondulatório (sinuoso) e pausado, elas foram estimuladas a fazer deslocamentos direto em 8 tempos, que é um deslocamento sem pausa, ir e voltar. E por fim a última forma de deslocamento era deslocava 4 tempos e no centro teria um giro com deslocamento para esquerda e em seguida continuava com deslocamento em linha reta em mais 4 tempos.

Na aula eu utilizei 4 formas de deslocamentos: deslocamento ondulatório, deslocamento pausado, deslocamento reto, e deslocamento direto com giro no centro para esquerda e os dois tipos de giros: giro no eixo e giro com deslocamento.

Importante lembrar que a cada execução de um tipo de deslocamento que repetíamos no mínimo duas vezes cada fazíamos uma pausa para uma água ou banheiro, pois o deslocamento com a cadeira exige esforço, sobretudo da resistência muscular localizada.

Após a vivência dos deslocamentos e giros, passei uma sequência coreográfica que continha todos os 4 tipos de deslocamentos e os 2 tipos de giros. Nessa parte final da aula elas tinham como desafio aprender a sequência e executar conforme o combinado ao som de uma música. Durante a execução da frase coreográfica, foi possível perceber a dificuldade que algumas tinham para memorizar a sequência coreográfica, e isso foi observado em uma das mulheres que tinham pouca experiência com a prática da dança e nenhum contato com a prática esportiva. A dificuldade que algumas apresentaram em relação a memorização, mesmo tendo experiência em dança em Cadeira de Rodas, se deu pelo tempo que estavam sem praticar dança

Senti um pouco de dificuldade apenas na parte de decorar a coreografia. [...], mas a professora soube explicar muito bem os movimentos e ajudou a gente a aprender. [...] o jeito dela dá aula, deixa tudo mais fácil na dança (depoimento de Izabel de Jesus).

Importante destacar que essa aula foi elaborada para quatro mulheres que já tinham contato com a dança e autonomia no manuseio da cadeira, dessa forma, tinha expectativa de que elas tinham condição de executar as atividades propostas. Por tanto, se faz necessário licenciaturas em dança proporcionem esse conhecimento, pois entender cada corpo, cada deficiência, cada especificidade das cadeiras de rodas e a técnica para DCR, é de fundamental importância.

**Foto 08:** Momento da execução da sequência coreográfica



**Fonte:** arquivo pessoal da autora.

O profissional que vai propor uma aula de dança para PcDs em cadeira de rodas, precisa ter um conhecimento prévio sobre os seus alunos antes de qualquer coisa, são corpos e corpos diversos. Saber se eles já têm algum conhecimento em dança ou se são iniciantes, se precisam de alguém para os deslocamentos ou se tem autonomia para essa função. Tudo isso para que a aula não gire em torno da deficiência, mas em torno das possibilidades a partir da condição de cada um. Essa mesma aula pode ser proposta somente para outro grupo com perfil parecidos ao das mulheres que participaram dessa proposta, porque a aula de DCR vai depender dos alunos que vão fazer a aula.

A Dança em Cadeira de Rodas é uma modalidade de dança, essa modalidade que precisa de estudo e precisa de investigação individual do aluno, que vai desde as suas condições de movimentos até o domínio do manuseio da cadeira como extensão do seu corpo. Uma professora, ou um professor que se lança trabalhar com essa modalidade, precisa sentar-se em uma cadeira de rodas, precisa sentir em seu corpo as dificuldades de execução de deslocamentos na cadeira, para pensar em possibilidades de propostas de ensino. Para se trabalhar com Dança em Cadeira de Rodas além de pensar nos

movimentos propostos para o corpo, precisamos saber se aquela aluna faz a aula com pretensão de participar de apresentações ou competições de dança ou faz aula apenas por gostar e apenas para se movimentar.

As vivências que tive por meio da Cia Loucurarte e do Programa Arte na escola com PcDs em DCR, enriqueceram a minha formação e permitiu me lançar nesse universo tão desafiador e tão necessário. A aula que propus, mesmo que baseada em técnicas, tinha como intenção levar as alunas a se sentirem encorajadas a se desafiarem e explorarem os seus movimentos, para tanto, a continuidade seria o caminho possível para processos mais investigativos e criativos em dança.

De acordo com as alunas que participaram da aula, elas tiveram uma experiência significativa, pois a minha metodologia as deixou mais felizes, realizadas, empoderadas e encorajadas para dançar, sentindo falta de um processo contínuo e de contato com outras PcDs, como também Pessoas sem Deficiências para troca de experiências.

Ao serem perguntadas sobre o que é preciso para melhorar a proposta de aula que apresentei para elas, responderam:

*Que possamos ter mais aulas e juntos com outros alunos também com e sem deficiência (depoimento de Izabel de Jesus).*

*Precisar ter mais aulas (depoimento de Luciene Ferreira dos Santos).*

*Precisa convidar mais PcDs para realizar Dança com diversos corpos (depoimento de Cristina Santos da Silva).*

*Que possamos fazer mais aulas e nos apresente por aí, mostrando nosso potencial (depoimento de Lucivânia dos Santos).*

**Imagem 2:** Resultado da aula proposta

<b>Pontos Positivos</b>	<b>X</b>	<b>Pontos negativos</b>
<b>AUTOESTIMA</b>		<b>POUCO TEMPO DE AULA</b>
<b>EMPODERAMENTO FEMININO</b>		<b>AULAS REGULARES</b>
<b>MOVER O CORPO</b>		<b>MEMÓRIA</b>
<b>ACESSIBILIDADE</b>		<b>DISTÂNCIA</b>
<b>LIBERDADE</b>		<b>AUSÊNCIA DE OUTRAS PESSOAS</b>

**Fonte:** arquivo pessoal da autora.

Os depoimentos dessas mulheres é um chamamento para a responsabilidade com esse público em específico, e não somente, mas para intercambiar por meio da dança relações interpessoais entre pessoas com e sem deficiência. Encontramos nas vozes dessas mulheres o convite para a continuidade, por meio de uma dança que respeita a condição de ser de cada uma delas, e que não as restringe a sua deficiência, e limitações, mas para a potencialidade de ser e viver a condição corpórea de cada uma delas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na dança Artística em Cadeira de Rodas antes de tudo precisamos pensar na Acessibilidade. Não tem como falar de dança em Cadeira de Rodas e não ter o entendimento do significado da palavra acessibilidade que é um substantivo feminino e que está relacionado a facilidade de acesso, ou a possibilidade de aproximação. Como também é a possibilidade que todas as pessoas têm de acessar locais, produtos, serviços ou informações de forma simples e autônoma. Sendo assim, as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzidas são cobertas por lei para que tenha total segurança e autonomia, ou total assistência seja em locais públicos, coletivos ou privados.

A acessibilidade visa a eliminação de barreiras físicas, comunicacionais, atitudinais e arquitetônicas que possam impedir a inclusão social dessas pessoas. Dessa forma tem seus direitos garantidos por leis e normas que tem como objetivo proporcionar a todas as pessoas seu direito de viver com dignidade na sociedade ou de ser os que elas quiserem ser na sociedade.

No Brasil temos a (LBI) que é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que estabelece que acessibilidade é um direito humano e de dever do estado em fazer com que essa lei seja praticada e que não seja mantida apenas no papel. Ela abrange espaços públicos, transportes, informações e comunicação e deve ser considerada e mantida com grande importância para comunidade PcD e ter relevância para as Políticas Públicas para que possamos fazer parte do planejamento urbano e arquitetônica , como também na Acessibilidade cultural até por que as Pessoas com Deficiência não são apenas público que assiste arte , como também são fazedores de cultura e artistas e querem ser palco e para que isso aconteça as ações de acessibilidade cultural arquitetônica e urbanas têm que ser cumpridas .

Promover a Acessibilidade é algo fundamental para diminuir a invisibilidade principalmente dos artistas com deficiência na sociedade, e garantir que todas as pessoas tenham equidade e tenha oportunidade de acesso aos recursos para acessibilidade cultural por exemplo. Pensando nisso, é de extrema importância que pensamos um pouco ao nosso redor se de fato são locais acessíveis principalmente para os artistas em Cadeira de Rodas que é o foco da minha pesquisa. Se a escola de dança é acessível ou adaptada para ter a dança em cadeira de rodas ou uma pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida.

Para receber, ministrar aula ou até mesmo apresentar um trabalho artístico com o artista em Cadeira de Rodas, necessariamente é importante saber do espaço, se tem rampa ou elevador e formas de acessibilidade assistivas, se for apresentação no teatro, saber se o palco é de fácil acesso para artistas com deficiência e se o tamanho é compatível para a proposta artística, observar se tem banheiro e camarim adaptado com medidas para cadeiras de rodas e próximos ao palco.

Essas questões da acessibilidade, foi um ponto observado por uma das alunas sobre o local da aula, pois ela disse ter gostado do Cultart onde a aula aconteceu, pelo fato do espaço ter acessibilidade para pessoas com deficiência física em cadeira de rodas, o que chamou a atenção dela. Este foi um cuidado que tive enquanto proponente da aula, fazer uma observação prévia do lugar para garantir a acessibilidade das mulheres que dançam em cadeira de rodas. O Cultart além de apresentar rampas, possui também elevador que dá acesso a sala de dança que fica no primeiro piso.

Estas são questões que são pensadas somente por pessoas com deficiência em cadeira de rodas ou por pessoas sem deficiência que cuidam dessa parte da acessibilidade

ou trabalham com artistas com deficiência e compartilha dessa realidade por acompanhá-los. Normalmente se pensa em recursos de acessibilidade somente quando se tem alguém próximo, um familiar que necessita desses recursos.

Por fim, venho aqui falar que a Dança artística em Cadeira de Rodas para mulheres foi proposta com a ideia de elas serem quem são para além da deficiência, e poder dançar com a sua condição ser corpo presente, se empoderando, se sentindo felizes e realizadas em executarem uma técnica de forma prazerosa.

As pessoas sem deficiência precisam estudar e superar a ideia capacitista diante da PcD. Precisam entender que um atleta, um artista com deficiência ao executarem suas tarefas, elas são pessoas executando suas tarefas, e não quer dizer que por esse motivo que elas sejam exemplos de superação. Tarefas essas que se forem executadas por pessoas sem deficiência, é visto como algo normal. É por isso que é preciso ver o artista com deficiência com olhar de pessoa e não pela sua condição física. Por isso que a Pessoa vem primeiro na sigla da pessoa com deficiência e não a deficiência.

## REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro genocídio: 60 mil mortos no maior hospital do Brasil**. São Paulo: Editora Geração, 2013.

FERREIRA, Eliana lúcia. **Dança em cadeira de rodas: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não-verbal**. Campins: CBDCCR, 2002.

BARRETO, Michelle Aline; FERREIRA, Eliana Lúcia. Dança Esportiva em Cadeira de Rodas: a história contada pelas vozes de quem dança. **Revista de História e estudos culturais**. Vol. 8. Ano VIII, n. 3, dez. 2011.

BRASIL. **CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Ministério da Justiça e Cidadania - Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Brasília, 2016

GARCIA, Maria Fernanda. **Hospital no Brasil igualado a campo de concentração nazista teve 60 mil mortes**. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/hospicio-no-brasil-igualado-a-campo-de-concentracao-nazista-teve-60-mil-mortes>. Acessado em 2 de fevereiro de 2024.

KROMBHOLZ, G. Wheelchair dance: wheelchair dance sport. In: **Simpósio internacional de dança em cadeira de rodas**, 1., 2001, Campinas, SP Anais: Riviera, 2001.

RIGO, L. C.; DE CASTRO, F. B.; KUNZ, E. O se-movimentar na dança em cadeira de rodas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/54588>. Acesso em: 28 dez. 2023.

SCHWARZ, Andreia. **Conheça um pouco mais sobre a história das pessoas com deficiência no Brasil**. Igual Inclusão e diversidade. (2021) Disponível em <https://igual.com.br/blog/historia-pcd/>. Acessado em 12 de dezembro de 2023.